

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



SERÁ O ESSENCIAL INAUDÍVEL?
ESTUDO DA INTERACÇÃO DE MÃES COM FILHOS SURDOS E MÃES COM
FILHOS OUVINTES

Nome do autor

Ricardina Correia

N.º do aluno

15308

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Educacional

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

SERÁ O ESSENCIAL INAUDÍVEL?
ESTUDO DA INTERACÇÃO DE MÃES COM FILHOS SURDOS E MÃES COM
FILHOS OUVINTES

Ricardina Correia

Dissertação orientada por Zilda Fidalgo

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia
Especialidade em Educacional

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

SERÁ O ESSENCIAL INAUDÍVEL?
ESTUDO DA INTERACÇÃO DE MÃES COM FILHOS SURDOS E MÃES COM
FILHOS OUVINTES

Ricardina Correia

Dissertação orientada por Zilda Fidalgo

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia
Especialidade em Educacional

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a
orientação de Zilda Fidalgo
Apresentada no Instituto Superior de Psicologia
Aplicada para obtenção do grau de Mestre na
especialidade de Psicologia Educacional conforme
o despacho da DGES, n.º 19673/2006 publicado
em Diário da Republica 2.ª Série de 26 de
Setembro, 2006.

Agradecimentos

Ao prof. Doutor Francisco Peixoto pela sua orientação nas longas tardes de sexta-feira após uma semana de trabalho diário.

À prof. Doutora Zilda Fidalgo por mais uma vez assumir ao meu lado a defesa de um trabalho que me deu tanto prazer executar no meu ano de licenciatura.

À Dr.^a Anabela Marçal, por ter compreendido as minhas ausências mais prematuras do trabalho às sextas-feiras para poder dar continuidade a este crescimento profissional e pessoal.

Aos meus pais e ao meu marido, que nunca me deixaram desistir e me fizeram acreditar na importância deste mestrado.

Resumo

Este estudo procura identificar as diferenças nas *interacções de tutela* estabelecidas entre mães ouvintes com crianças *surdas* e mães ouvintes com crianças ouvintes, quer ao nível da partilha de responsabilidade pela execução da tarefa, numa situação de resolução de problemas, quer ao nível da comunicação referencial. Além disso, dentro das díades de mãe/criança surda, pretendeu verificar-se se a percepção que as mães têm sobre as dificuldades de comunicação estão relacionadas com a partilha da responsabilidade pela tarefa no decorrer da interacção. Participaram 5 díades mãe ouvinte/criança surda e 5 díades mãe ouvinte/criança ouvinte. As crianças tinham idades compreendidas entre os 3 anos e 10 meses e os 6 anos exactos, tendo sido constituídos dois grupos emparelhados.

Os instrumentos utilizados para o emparelhamento dos grupos em termos de desenvolvimento foram: as Matrizes Progressivas de Raven e a sub-escala E (Realização) da Escala de Desenvolvimento da Griffiths.

As díades foram observadas durante a realização de 3 puzzles, de dificuldade crescente. As interacções foram gravadas em vídeo e transcritas na íntegra. Após as transcrições, analisaram-se as interacções com base na Escala de Elbers, Maier, Hoekstra e Hoogsteder (1992), já usada em estudos anteriores (como é exemplo o estudo de Ferreira, 2003) e da Grelha de Análise da Comunicação Referencial de Fidalgo (1991, 2000), inspirada em Wertsch (1985).

Por fim foi ainda passado às mães das crianças surdas um questionário adaptado da versão original de Meadow-Orlans (1990) que permite avaliar o impacto da surdez na família, nomeadamente ao nível da comunicação com a criança.

Os resultados foram congruentes com a literatura encontrada e revelaram que:

- Nas díades constituídas por crianças surdas e mães ouvintes, as crianças apresentam um menor nível de autonomia, tendo menos responsabilidade pela tarefa.

- As díades constituídas por crianças surdas apresentam mais ocorrências de expressões referenciais não verbais (apontar, dar...).
- Verifica-se uma relação positiva entre a percepção da dificuldade em comunicar com os filhos surdos pelas mães ouvintes e a menor participação activa dessas crianças na realização das tarefas.

Palavras-chave: Surdez, interacção, resolução de problemas, dificuldades de comunicação, comunicação referencial

Abstract

This study seeks to identify the differences in interactions of guardianship established between mother's listeners with deaf children and mothers listeners with children listeners, whether at the level of sharing responsibility for executing the task, or at a resolution of problems, both of referential communication. Moreover, within the dyad of mother / deaf child, intent to verify whether the perception that mothers have about the difficulties of communication are related to the sharing of responsibility for the task during the interaction. Had participated 5 dyads of mother listener / deaf child and 5 dyads listener mother / child listener. The children were aged between 3 years and 10 months to 6 years accurate, having been formed two groups matched.

The instruments used for the pairing of the groups in terms of development were: the Progressive Matrices of Raven and sub-scale E (Building) Scale Development of Griffiths.

The dyads were observed during the performance of 3 puzzles of increasing difficulty. The interactions were recorded on video and transcribed in full. After the transcripts, they were analyzed based on the interaction Scales Elbers, Maier, Hoekstra and Hoogsteder (1992), already used in previous studies (such as example the study of Ferreiro, 2003) and the grid reference of the Communication Analysis of Fidalgo (1991, 2000), inspired by Wertsch (1985).

Finally it was been passed to the mothers of deaf children a questionnaire adapted from the original version of Meadow-Orlans (1990) for assessing the impact of deafness in the family, particularly at the level of communication with the child.

The results were consistent with the literature found and revealed that:

- In dyads consisting of deaf children and mothers listeners, the children have a lower level of autonomy, taking less responsibility for the task.
- The dyads consisting of deaf children have more instances of non-verbal expressions referential (pointing, to give ...).

- There is a positive relationship between the perception of the difficulty in communicating with the deaf children by mother's listeners and a less active participation of the children in performing the tasks.

Keywords: Deafness, interaction, problem-solving difficulties of communication, referential communication

Índice do Texto

Lista De Figuras

	Pág.:
Figura 1: Gráfico das ocorrências em cada categoria das interações das díades mãe/criança surda e mãe/criança ouvinte, relativas ao total dos 3 puzzles.	13
Figura 2: Gráfico das percentagens das ocorrências das expressões referenciais das díades mãe/criança surda e mãe/criança ouvinte, relativas ao somatório dos 3 puzzles.	14
Figura 3: Gráfico da percepção das mães ouvintes do seu grau de comunicação com os seus filhos portadores de deficiência auditiva.	16
Figura 4: Gráfico das díades de mães ouvintes com crianças surdas - Grau de envolvimento das crianças na elaboração dos puzzles, tendo em consideração as categorias predominantes (controlo do adulto vs controlo da criança).	16

Lista De Anexos

	Pág.:
Anexo 1: Puzzle 1 – As árvores	35
Anexo 2: Puzzle 2 – O peixe	35
Anexo 3: Puzzle 3 – A tartaruga	35
Anexo 4: Out-put da comparação entre as díades mãe ouvinte-criança surda e mãe ouvinte-criança surda, referente à análise comportamental no total dos puzzles	36
Anexo 5: Out-put da comparação entre as díades mãe-criança surda e mãe-criança surda, referente à análise referencial no total dos	37

puzzles

Anexo 6:	Out-put da correlação entre nível de comunicação e controlo da interação, respeitante às díades mãe-criança surda, para o total de todos os puzzles	38
----------	---	----

Índice do Texto

Lista De Figuras

	Pág.:
Figura 1: Gráfico das ocorrências em cada categoria das interações das díades mãe/criança surda e mãe/criança ouvinte, relativas ao total dos 3 puzzles.	13
Figura 2: Gráfico das percentagens das ocorrências das expressões referenciais das díades mãe/criança surda e mãe/criança ouvinte, relativas ao somatório dos 3 puzzles.	14
Figura 3: Gráfico da percepção das mães ouvintes do seu grau de comunicação com os seus filhos portadores de deficiência auditiva.	16
Figura 4: Gráfico das díades de mães ouvintes com crianças surdas - Grau de envolvimento das crianças na elaboração dos puzzles, tendo em consideração as categorias predominantes (controlo do adulto vs controlo da criança).	16

Lista De Anexos

	Pág.:
Anexo 1: Puzzle 1 – As árvores	35
Anexo 2: Puzzle 2 – O peixe	35
Anexo 3: Puzzle 3 – A tartaruga	35
Anexo 4: Out-put da comparação entre as díades mãe ouvinte-criança surda e mãe ouvinte-criança surda, referente à análise comportamental no total dos puzzles	36
Anexo 5: Out-put da comparação entre as díades mãe-criança surda e mãe-criança surda, referente à análise referencial no total dos	37

puzzles

Anexo 6:	Out-put da correlação entre nível de comunicação e controlo da interação, respeitante às díades mãe-criança surda, para o total de todos os puzzles	38
----------	---	----

Introdução

O impacto da surdez na dinâmica familiar depende em grande parte do significado que cada família lhes atribui. Segundo Koester e Meadow-Orlans (1990) para os pais surdos, a surdez não é necessariamente sinónimo de ter uma deficiência na família, num contexto em que já se inclui a comunicação através da Língua Gestual, a participação e o suporte da Comunidade Surda e a familiarização com as escolhas educativas e os recursos disponíveis para as suas crianças. Apesar do aumento da consciencialização cultural sobre as competências, o potencial e as contribuições dos indivíduos surdos, constata-se que a maioria dos pais ouvintes percebem a surdez dos seus filhos como uma deficiência.

Como afirmam Koester e Meadow-Orlans (1990), Calderon e Greenberg (1997), Kurtzer-Wite e Luterman (2002) e Costa (2000) 90% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes, sendo que as restantes 10% nascem em famílias onde só um ou ambos os pais são surdos.

Ao contrário dos pais surdos, a maioria dos pais ouvintes não tem qualquer experiência com a surdez quando o problema de audição dos seus filhos é detectado, assim sentem níveis de stress e ansiedade mais elevados aquando do diagnóstico (Mohay, 2000).

Estes pais não partilham a usual percepção do Mundo com a dos seus filhos surdos, nem tão pouco a criança tem um acesso fácil à língua falada usada dentro da sua casa (Mohay, Milton, Hindmarsh & Ganley, 1998).

Leigh e Anthony (1999), referem que os pais que estão numa crise emocional devido ao diagnóstico de surdez podem não ter energia psicológica para estabelecer uma comunicação completa com a sua criança.

O choque face ao diagnóstico de surdez, que se apresenta tardio (uma vez que só por volta do primeiro ano de idade é que as diferenças e as dificuldades de comunicação são notadas) poderá colocar em risco a relação pais-filhos, havendo uma maior probabilidade de interrupções recíprocas entre pais ouvintes e crianças

surdas (Lederberg & Prezbindowski, 2000). Segundo Koester e Meadow-Orlans (1990), para muitos pais ouvintes, o diagnóstico em si, pode mesmo precipitar uma crise que interfere com as interações familiares, de muitas formas diferentes.

No entanto, e no parecer de Kurtzer-Wite e Luterman (2002), os sentimentos de fracasso, desolação e pena e o impacto que a surdez tem na família pode ser sentido pelos pais não só na altura do diagnóstico, mas durante toda a vida da criança, quando ela é confrontada com situações stressantes ou desapontantes, que fazem com que a mesma se depare com uma “parede de vidro” que a separa dos seus pares ouvintes e afasta-a de uma socialização completa devido às dificuldades de comunicação.

Na opinião de Rebelo (2003), a importância crescente da comunicação e da consequente proliferação de estudos neste domínio, assenta na natureza intrínseca do ser humano em estabelecer trocas comunicativas que possibilitem um desenvolvimento global harmonioso. A comunicação é uma necessidade do ser humano e este é, essencialmente, um ser comunicativo. A comunicação é um processo interactivo de carácter recíproco. Os parceiros deste processo partilham entre si vários aspectos de comunicação, nomeadamente: a forma ou o modo de comunicação, o tópico ou o assunto de comunicação e o contexto onde se estabelece o mesmo. O autor, também alude ao uso, como comunicação receptiva e expressiva, por parte das crianças surdas congénitas, da Língua Gestual, que lhes facilita a compreensão das mensagens e das interações com as famílias, grupo de pares e grupo social, dispondo de uma comunicação linguística em todas as suas valências (sintaxe, morfológica e semânticas).

Howard (1978) considera ser possível que o esforço dos pais em estabelecer uma comunicação com as suas crianças falhe, pelo que estes se sentem frustrados pela falta de resposta da criança à sua voz, podendo assim comprometer o processo de vinculação.

Lederberg e Prezbindowski (2000) mencionam que quase todos os estudos que investigavam o impacto da surdez na interacção precoce (comparando mães ouvintes e mães surdas com os seus filhos), encontraram, sem excepção, problemas de interacção nas díades mães ouvintes com filhos surdos, quando comparados com as díades cujo nível de comunicação é o mesmo (surdez-surdez). McCarthy (1999), num estudo sobre resolução de problemas, tentou averiguar se existiriam diferenças interactivas e comunicacionais entre díades de crianças surdas (CS) com pais surdos (PS) e crianças surdas com pais ouvintes (PO). Através da resolução de uma tarefa verificou-se que existiam de facto diferenças significativas entre as díades que não tinham dificuldades de comunicação (CS-PS) e as que tinham dificuldades de comunicação (CS-PO), mesmo apesar de alguns pais ouvintes terem bons conhecimentos de Língua Gestual. Sabendo que a literatura refere que provavelmente pais surdos de crianças surdas e pais ouvintes de crianças ouvintes irão apresentar resultados semelhantes, os estudos apesar de compararem pais surdos com filhos surdos, poderão equiparar-se aos resultados esperados para pais ouvintes com filhos ouvintes.

Assim sendo, a primeira questão deste estudo é saber se há diferenças quanto ao nível de autonomia/envolvimento da criança nas díades constituídas por crianças surdas, em comparação com díades constituídas por crianças ouvintes numa situação de resolução conjunta de problemas.

. A hipótese levantada assume que nas díades constituídas por crianças surdas e mães ouvintes, as crianças apresentarão um menor nível de participação na resolução das tarefas propostas (puzzles), dado que Brinich (2002), alude a que comparações de interacções mãe-criança, entre díades constituídas por mães ouvintes com filhos surdos e mães ouvintes com filhos ouvintes, demonstram que existe uma acentuação do controlo exercido por mães ouvintes com filhos surdos, ao nível das instruções e comandos, sendo esta atitude percebida como uma adaptação “normal” à dificuldade na comunicação recíproca.

Henggeler e Watson (1984) referem igualmente algumas investigações nesta área cujas conclusões são congruentes com o estudo anterior, em que se relata que as mães de crianças surdas são mais controladoras, quando comparadas com mães de crianças ouvintes. Neste sentido, também Wedell-Monning e Lumley (1980), referem que as crianças surdas com mães ouvintes tendem a ser mais passivas e menos activas quando se envolvem em tarefas de interacção que os seus pares ouvintes. No entanto as mães das crianças surdas são sempre mais dominantes na interacção com as suas crianças do que mães de crianças ouvintes. O estudo de Ferreira (2003), permitiu verificar que, de facto, nas díades mãe-criança ouvinte, a criança é mais envolvida durante a resolução da tarefa do que nas díades mãe ouvinte-criança surda.

A segunda questão pretende compreender se existem diferenças relativamente à comunicação referencial utilizada pelas mães nas díades constituídas por crianças surdas em comparação com díades constituídas por crianças ouvintes. Segundo Fidalgo (2000), o termo “expressão referencial”, designa as locuções que referem objectos individuais. A expressão referencial, torna-se assim uma forte estratégia verbal ou gestual utilizada pela mãe/pai, para despertar a atenção da criança e incitá-la a partilhar com eles a atenção sobre determinado objecto, ou neste caso sobre uma mesma peça, regulando o comportamento da criança (Wertsch, 1985).

Assumiu-se que as díades constituídas por crianças surdas irão apresentar mais ocorrências de expressões referenciais não verbais (apontar, dar...), uma vez que MacKay-Soroka, Trehub e Thorpe (1988), ao comparar a recepção de mensagens referenciais emitidas pelas mães de crianças surdas e de crianças ouvintes verificaram que apesar de não se notar diferenças comunicativas entre as díades, a comunicação referencial nas díades mãe ouvinte-criança surda é deficiente quando comparada com as díades mãe ouvinte -criança ouvinte. O estudo de Ferreira (2003), indica que não foram encontradas diferenças significativas nas expressões referenciais utilizadas

pelas díades mãe ouvinte-criança ouvinte e mãe ouvinte-criança surda. No entanto, verifica-se que as díades mãe-criança surda têm valores ligeiramente superiores.

A terceira, e última questão deste estudo pretende verificar se existe alguma relação entre as dificuldades de comunicação percebidas pelas mães e a participação das crianças na resolução das tarefas. Pressupõe-se que quanto mais elevada for a percepção da dificuldade de comunicação das mães ouvintes de crianças surdas, menor será o nível de participação e autonomia destas na realização da tarefa, uma vez que Wedell-Monnig e Lumley (1980) referem que as competências comunicativas da criança são um forte factor determinante no comportamento da criança e da mãe. Desta forma, o controlo exercido pela mãe de uma criança com *handicap* é feito com a intenção de compensar as perdas sensoriais das crianças, controlando as interacções até ao ponto em que a criança não faça tentativas de continuar independentemente. Assim, quanto maior a percepção das dificuldades de comunicação, maior será o controlo exercido pela mãe e menor a participação e responsabilidade pela tarefa da criança.

Método

Participantes:

Participaram neste estudo um total de dez crianças, de idades compreendidas entre os 3 anos e 7 meses e os 6 anos exactos, e respectivas mães. Do total das crianças, cinco eram surdas e cinco ouvintes. Em ambos os grupos de crianças (surdas e ouvintes), as mães eram normo-ouvintes.

Do grupo de crianças surdas, relativamente às suas perdas auditivas, três têm um grau de surdez profunda, uma tem um grau considerado severo e a última tem uma perda auditiva moderada. Exceptuando uma criança que usa prótese auditiva, todas as outras usam implante coclear, o que significa que todas as crianças surdas ouviam alguma coisa, seja com pouca ou muita dificuldade.

Apenas uma mãe tem conhecimentos (ainda que ao nível básico) de Língua Gestual Portuguesa (LGP), tendo frequentado um curso na sua área de residência.

A nível da etnia, apenas uma criança é de origem africana, no entanto e dado que a família da mesma vive em Portugal há muitos anos, e a língua materna é o Português, foi decidido emparelhá-la com uma criança caucasiana.

Em casa de duas crianças surdas, o tipo de comunicação utilizada de mãe/filho e filho para mãe é unicamente a fala, uma vez que as mães não têm qualquer conhecimento de LGP.

Os pais de outras duas crianças surdas utilizam maioritariamente a fala como meio de comunicação com a criança, auxiliada em algumas situações de gestos básicos.

Apenas a mãe de uma criança surda utiliza a fala e alguns gestos de LGP (aprendidos num curso básico da língua gestual).

Tarefa:

A tarefa consiste na resolução de três puzzles em madeira. É dito às mães para ajudarem as crianças durante a elaboração dos puzzles, como fazem usualmente e sempre que acharem necessário, da forma que melhor entenderem (quer através de ajuda física ou verbal).

Os três puzzles em madeira são gradualmente mais difíceis de completar, sem a ajuda do adulto, o que faz emergir mais facilmente a relação de interacção.

O primeiro puzzle: *As Casas (ver anexo 1)*, é constituído por cinco peças de encaixe que, são, todas elas, casas de diferentes formas no que diz respeito às chaminés e ao facto de possuírem, ou não, árvores. Este puzzle é apresentado numa base de madeira de forma rectangular e os encaixes são independentes um dos outros.

O segundo puzzle: *O Peixe (ver anexo 2)*, é constituído por seis peças, mas neste caso não são independentes umas das outras. O puzzle é apresentado numa

base de madeira com a forma de um peixe. Para facilitar a compreensão das transcrições das interações cada peça é nomeada de acordo com a sua cor e/ou representatividade no puzzle. Neste caso, temos uma peça vermelha (a cabeça do peixe), uma peça verde (a cauda do peixe), uma peça amarela central e uma peça azul clara que se encaixa na última (corpo do peixe) e, por fim, duas peças azuis escuras (barbatanas inferior e superior).

O terceiro e último puzzle: *A Tartaruga* (ver anexo 3), é constituído por 7 peças dependentes umas das outras e é, neste caso, o de mais difícil realização. É apresentado numa base de madeira de forma quadrada e com os contornos de uma tartaruga. Mais uma vez as referências à sua realização são feitas de acordo com as cores e/ou a sua representatividade no puzzle. Assim temos: uma peça verde (a carapaça), uma vermelha, uma azul e uma laranja (corpo da tartaruga) e três peças amarelas, sendo duas delas representativas das patas (dianteira e traseira) da tartaruga e a outra a sua cabeça.

Instrumentos E Procedimentos:

Para avaliar o desenvolvimento das crianças foram usados os seguintes instrumentos: Matrizes Progressivas de Raven (versão colorida) e a sub-escala E (Realização) do Teste de Desenvolvimento de Griffiths.

Para proceder à análise da interação das díades, utilizou-se uma escala de avaliação baseada no instrumento de Elbers, Maier, Hoekstra e Hoogsteder (1992). Para codificar a comunicação referencial das díades, foi utilizada a Grelha de Análise de Fidalgo (1999, 2000).

Para perceber qual a percepção da comunicação que as mães tinham em relação aos seus filhos, utilizou-se uma adaptação do Questionário sobre dificuldades de comunicação de Meadows-Orland (1990).

Matrizes Progressivas de Raven (versão colorida): A prova consiste na identificação da peça correcta que falta a um puzzle que se apresenta incompleto. Trata-se de um teste de conteúdo não verbal, interessante, e cujos resultados são relativamente independentes de aprendizagens específicas ou de aspectos da natureza cultural. As Matrizes são construídas por 36 itens, distribuídos por três séries de 12 cada uma (A, Ab e B), sendo que no presente estudo o teste foi aplicado individualmente na forma de caderno, em que cada um dos itens está impresso numa página. Como alude Raven et al (2001), normalmente o modo mais apropriado de avaliar o significado dos resultados directos de uma pessoa é compará-los com aqueles que foram obtidos num grupo com características semelhantes de modo a indicar a classe (ou grau) em que o desenvolvimento intelectual do sujeito se encontra tendo em conta esse desempenho, assim poder-se-á dizer que o seu desempenho foi inferior ou superior ao esperado. Com este propósito, Raven et al (2001) preparam uma escala de cinco graus de capacidade intelectual, de forma a ser possível reconhecer o “grau equivalente” com a pontuação percentílica obtida. Neste estudo utilizámos os resultados brutos.

Teste de Desenvolvimento de Griffiths (sub-escala E – Realização): A sub-escala E mede a capacidade para resolver novas situações práticas através das capacidades manuais de coordenação óculo-motora e exploração do meio, sendo extensiva a várias etapas do desenvolvimento da criança, desde a capacidade da reacção do bebé ao papel até à capacidade da criança realizar um jogo de encaixe ou um jogo com cubos. Uma vez que a tarefa proposta no presente estudo era referente à da resolução de um puzzle, esta foi a escala escolhida para determinar e avaliar o nível de desenvolvimento dos participantes.

Assim, para avaliar o nível cognitivo das crianças foram utilizados testes que não exigiam o uso da linguagem para formular a resposta.

Codificação dos comportamentos da díade: A codificação das interações foi feita tendo em conta uma escala de avaliação baseada no instrumento de Elbers, Maier, Hoekstra e Hoogsteder (1992), como já referimos, que tem como objectivo avaliar a contribuição do adulto e da criança para a resolução de uma tarefa, neste caso, de um jogo. No presente estudo, cada puzzle representa uma interacção diferente, que as díades têm de resolver por si. Cada interacção é composta pela realização de três puzzles que, ao serem estudados se subdividem em unidades mais pequenas de análise. Segundo Wertsch, Minick e Am (1984, cit por Elbers et al,1992), a execução de cada um dos puzzles, para efeitos de codificação é dividido em episódios. Podemos definir episódio como, a interacção necessária entre a criança e o adulto para seleccionar e colocar correctamente uma peça. É também importante referir que toda as acções necessárias para que uma peça seja correctamente colocada são consideradas e transcritas, mesmo que sejam irrelevantes para a conclusão da tarefa.

Cada interacção tem, no total 18 episódios. O mesmo será dizer que nos puzzles, cada peça corresponde a um episódio. Temos, portanto 5 episódios no primeiro puzzle, 6 no segundo e 7 no terceiro.

Para determinar a contribuição de cada um dos participantes na díade para a resolução na tarefa, os seus comportamentos foram inseridos num sistema de categorias, para operacionalizar os diferentes níveis de participação. Nesta escala, as categorias são representadas pela combinação de duas letras: a e c, em que a representa a contribuição de adulto e c a contribuição da criança.

Nas situações em que é o adulto quem mais contribui para a realização da tarefa, a letra A, deverá aparecer em formato maiúsculo, bem como o C representará a maior contribuição da criança na resolução da tarefa.

Na escala utilizada podem distinguir-se 8 situações, incluídas em duas grandes categorias: a categoria A-c em que é o adulto quem inicia e controla a acção e a

categoria *a-C* em que a acção é iniciada e controlada pela criança, levando, por fim, ao encaixe correcto da peça.

Apenas a combinação *A/C* significa que a acção e comunicação da díade não teve relevância para a tarefa, uma vez que esta não foi concluída, ou que um dos elementos constituintes da díade desistiu. A criança poderá também estar dispersa ou recusar-se a realizar a acção e o adulto tem de a encorajar a retomar a actividade.

Comunicação referencial das mães: Com o intuito de compreender de que forma é que as mães chamavam a atenção da criança para um determinado objecto, para atingir a atenção conjunta, com o objectivo de a ajudar a colocar correctamente a peça, fez-se a avaliação das referencias verbais e não verbais dos adultos, com base na grelha de Fidalgo (1999, 2000), inspirada nos estudos de Wertsch (1985) e já utilizada por Ferreira (2003). Segundo Wertsch, face a um mesmo objecto, os sujeitos podem identificá-lo sobre diferentes pontos de vista. Assim, a perspectiva referencial usada por eles, ilustrada na escolha das expressões de referência determina o tipo de informação contida na perspectiva por eles adoptada. Ou seja, estas expressões introduzem um grau variável de informação, que poderá ir desde o mínimo de informação possível, até ao seu máximo. O autor, introduz 3 níveis da perspectiva referencial, em função das relações que os signos utilizados estabelecem com o objecto de referência:

1. Sinais Indexicais Não Verbais (SINV) e Sinais Indexicais Verbais (SIV):

Os SINV referem-se a deícticos não verbais, como por exemplo, apontar ou dar.

Os SIV referem-se a deícticos verbais, sendo sobretudo pronomes, nomeadamente demonstrativos (ex.: “Este”, “Aquele” ou “Agora outra”).

2. Expressões Comuns de Referência (ECR)

As ECR são as mais típicas no discurso da comunidade e referem-se às características físicas do objecto. No caso do presente estudo, dirão respeito essencialmente à cor ou a uma referência indiferenciada como “a peça”. Estas expressões têm mais informação do que os sinais indexicais, mas têm uma extensão de aplicação mais vasta do que outra expressão referencial possível, apesar do seu uso ser adequado no contexto.

3. Expressões Informativas de Contexto (EIC)

As EIC são aquelas que introduzem o máximo de informação possível sobre o contexto na medida em que elas caracterizam os referentes de uma forma que não é evidente para alguém que não partilha do mesmo significado da situação (ex.: “a barbatana”, “os olhinhos”, “a boca”, “o peixe”).

Também é possível que surjam várias combinações das mesma, pois a mãe pode utilizar mais do que uma expressão referencial em simultâneo, no sentido em que este procurará adaptar as suas instruções durante a interacção, simplificando-as (“essa”) ou complexificando-as (“essa pata”), até que a criança as consiga entender (Wertsch, 1985).

Dificuldades de comunicação: Meadow-Orlans (1990), construiu um instrumento que permite avaliar o impacto da surdez na família, que consiste num questionário com 24 itens. Estes itens, cada um com 8 perguntas numa escala tipo Likert (de 1 a 4, descritas da seguinte forma: “concordo totalmente”, “concordo”, “discordo” ou “discordo totalmente”), inserem-se em 3 categorias: 1. Stress na família; 2. Comunicação com a criança surda e 3. Relações com os profissionais e outros elementos fora da família.

Elaborou-se uma versão portuguesa que se aplicou às mães ouvintes, de forma a perceber que a percepção sobre a comunicação com os seus filhos surdos e como é que a nível emocional e relacional a surdez alterou a relação estabelecida entre ambos, dando assim primazia à segunda categoria descrita por Meadow-Orlands (1990) no seu estudo.

A primeira parte do questionário destinou-se a recolher alguns dados demográficos, como a data de nascimento, género da criança, idade da detecção da surdez, grau de surdez, uso de aparelhos auditivos, despistagem de outros problemas, tipo de comunicação usada, existência de irmãos, núcleo familiar da criança, conhecimento de LGP, habilitações do pais, etnia e língua materna; a segunda teve como objectivo compreender o impacto da surdez da criança na família, nomeadamente ao nível do estabelecimento da comunicação entre mãe/criança.

As oito questões sobre o impacto da surdez na família, colocadas na segunda parte do inquérito, proponham que as mães que se posicionassem, face a determinada afirmação, dizendo se: “concordavam totalmente”, “concordavam”, “discordavam” ou “discordavam totalmente”. Com base nas suas respostas, o nível de comunicação era cotado desde: 1 - “dificuldade de comunicação”; 2 - “comunicação pobre”; 3- “comunicação satisfatória” e 4 – “boa comunicação”, havendo perguntas invertidas, ao nível de cotação.

Assim, as respostas que remetiam a uma ponderação negativa da comunicação eram avaliadas com o nível 1 (dificuldade de comunicação) ou o nível 2 (comunicação pobre), baseadas no grau de afastamento da comunicação ideal (ex.: *Pergunta*: “Eu gostava de comunicar tão bem com o meu filho surdo como comunico com uma criança ouvinte.”; *Resposta*: “Concordo totalmente”, *Cotação*: “1 - dificuldade de comunicação”).

Por outro lado, as respostas que remetiam a uma ponderação positiva do nível de comunicação estabelecido eram avaliadas com os níveis 3 ou 4, mediante a proximidade com o grau da comunicação ideal (ex.: *Pergunta*: “As minhas

competências comunicativas estão adequadas às necessidades actuais do meu filho.”;

Resposta: “Concordo totalmente”, *Cotação:* “4 - boa comunicação”).

A cotação máxima (32 pontos) pressuponha que as mães se posicionassem em cada uma das questões como não havendo nenhum impacto negativo na família ligada à surdez da criança, e assim apontassem para a existência de uma comunicação plena e idêntica à que teriam com uma criança normo-ouvinte. Para obter a pontuação mínima, a mãe teria de se posicionar o nível de comunicação com a criança no seu limite inferior, obtendo no total 8 pontos apenas.

Resultados

De acordo com a nossa hipótese 1 esperava-se que as crianças surdas tivessem uma participação menos autónoma do que as crianças normo-ouvintes.

O gráfico seguinte representa as ocorrências em cada categoria dos dois grupos de díades, em relação à realização de todos os puzzles, de modo a ser possível fazer-se uma apreciação global do envolvimento das díades na elaboração deste tipo de resolução de problemas/tarefas.

INSERIR AQUI O GRÁFICO 1

De um modo geral, poder-se-á dizer que ao longo da resolução das tarefas, os dois grupos de díades distribuíram os seus comportamentos ao longo de todas as categorias.

No entanto verifica-se que nas díades de mães ouvintes com crianças surdas as suas interacções recaem ao nível das categorias em que o adulto controla as

acções (54), em detrimento das interacções em que a criança tem maior autonomia (33).

Por outro lado, nas díades constituídas por crianças ouvintes, a predominância das interacções incide nas categorias em que o controlo é exercido pela criança (59, ou seja: $a \rightarrow C + (a) - C$), enquanto as ocorrências nas categorias em que as acções são controladas pelo adulto são apenas 27, ou seja: $A - (c) + A \rightarrow c; A \rightarrow c -; A \rightarrow c +$.

A análise estatística, expressa na tabela 1 indica que existem diferenças nas categorias $A - c^+$ e $(a) - C$, (respectivamente um $W = -2,785$ e $p < 0,005$ e $W = -2,379$ e $p < 0,016$). Estes dados são congruentes com a apreciação global feita anteriormente, uma vez que a significância nestas categorias, indica que de facto, no caso das díades das crianças surdas prevaleceu a dominância do adulto nas interacções, ainda que, permitindo que as crianças tomassem alguma iniciativa, enquanto que nas díades com crianças ouvintes, a maioria das interacções incidem na categoria que confere mais autonomia à criança.

A análise da perspectiva referencial usada pelas mães procurou averiguar se existiam diferenças nas expressões referenciais usadas pelas mães para chamar a atenção da criança sobre determinada peça.

A nossa segunda hipótese pretendia determinar se as díades constituídas por crianças surdas apresentavam mais ocorrências de expressões referenciais em que a componente não verbal estivesse presente.

Considerando os 3 puzzles, as díades apresentam a seguinte distribuição, no que diz respeito às referências por eles utilizadas:

INSERIR AQUI O GRÁFICO 2

Globalmente podemos aferir que nas díades constituídas por crianças surdas, existe uma predominância do uso dos Sinais Indexicais Verbais e Não Verbais, enquanto que nas díades com crianças ouvintes, as mães utilizaram maioritariamente referências em que incluíam as Expressões Comuns de Referência e as Expressões Informativas do Contexto, reflectindo uma atitude mais informativa do que instrumental.

A análise estatística sugere que há uma tendência para a significância na categoria dos Sinais Indexicais Não Verbais (SINV), ($W = -1,504$ e $p < 0,075$), o que indica que há uma propensão para o recurso a referências menos complexas e mais pobres ao nível informativo por parte das mães com crianças surdas mas que asseguram a atenção conjunta.

Esta propensão é confirmada com a significância dada à categoria em que o adulto utiliza Sinais Indexicais Verbais conjugados com Sinais Indexicais Não Verbais (SIV+SINV), pelo tratamento estatístico, ($z = -2,108$ e $p < 0,018$), uma vez que apesar desta categoria já evidenciar que para além do comportamento gestual (ex.: dar ou apontar) a mãe também inclui alguma informação verbal, essa informação é mínima, referindo-se apenas ao uso de pronomes demonstrativos como: “este” ou “aquele”.

Para verificar se existia correlação entre as variáveis: “Nível de comunicação” e “Controlo do adulto” e “Controlo da Criança”, foi utilizado o Coeficiente de Correlação Ordinal de Spearman. Trata-se da alternativa não paramétrica ao Coeficiente de Correlação de Pearson, que não pode ser usado pois algumas das variáveis são qualitativas (Maroco, 2003).

Esta análise teve como objectivo compreender se era possível responder adequadamente à hipótese 3, formulada no presente estudo.

Para compreendermos melhor as variáveis em questões, analisaremos primeiro, sobre o ponto de vista qualitativo, os gráficos 3 e 4.

INSERIR AQUI O GRÁFICO 3

O índice geral de comunicação encontrado para as díades, apresenta um valor médio 3,05, o que significa que o grupo considera ter um nível satisfatório de comunicação com os seus filhos surdos. Apenas as díades constituídas pelas CS3 e CS5 é que se perceberam como tendo problemas comunicativos, apresentando uma comunicação pobre.

Vejamos o gráfico 4, representativo dos totais obtidos para cada díade, na realização de todos os puzzles, tendo em conta o seu envolvimento na realização conjunta da resolução da tarefa, divididos por categorias em que predomina o controlo do adulto vs predomínio do controlo da criança. Lembramos que a codificação adoptada foi a seguinte: Controlo do adulto (somatório das categorias em que é o adulto a controlar a interacção – categorias: A-(c); A→c; A→c-; A→c+); Controlo da criança (somatório das categorias em que é a criança a controlar a interacção – categorias: a→C; (a)-C).

INSERIR AQUI O GRÁFICO 4

A díade CS1 e a díade CS4, cujas mães se perceberam como tendo um bom nível de comunicação com os seus filhos (3,5 e 3,37, respectivamente), têm uma distribuição muito homogénea entre as categorias onde é a criança que domina a acção e as categorias em que o controlo é exercido pelo adulto, sendo o valor encontrado para ambas exactamente o mesmo (9).

A CS2 tem uma maior prevalência das interações controladas pelo adulto, sendo o seu nível de percepção de apenas 3,12.

Já, nas díades que se perceberam como tendo menores capacidades comunicativas com os seus filhos, apresentando o mesmo valor de percepção (2,62), e em que se inserem a CS3 e a CS5, os comportamentos das díades evidenciam na realidade que houve um controlo maior do adulto nas interações estabelecidas ao longo da resolução das tarefas, sendo este facto mais notório para a CS5, dada a maior discrepância entre os valores encontrados.

O Teste de Correlação de Spearman apresenta valores que determinam a existência de uma correlação entre as variáveis em estudo, nomeadamente: Nível de Comunicação; Controlo do adulto e Nível de Comunicação; Controlo da criança

No que diz respeito à primeira correlação, a análise estatística expõe um $R_s = -0.892$ e um $p < 0,042$, sendo que o valor negativo encontrado representa que, à medida em que o nível de comunicação aumenta (ou seja, quando não existem dificuldades de comunicação), o controlo exercido pelo adulto diminui.

Obviamente, no que diz respeito à segunda correlação, os dados encontrado para $R_s = 0.892$ e $p < 0,042$ representarão que, à medida em que o nível de comunicação percebida aumenta, aumenta também o controlo exercido pela criança, ou seja... a análise estatística legitima que quanto maior a percepção de dificuldades de comunicação, maior será a influência do adulto na resolução da tarefa.

Discussão

O presente estudo procurou saber se existiriam diferenças na interação entre mães ouvintes com filhos surdos ao nível da participação das crianças em resolução conjunta de problemas, comparativamente com interações entre díades ouvintes.

Para um aprofundamento do estudo, destacaram-se 3 questões que ajudaram a responder ao problema global, e para as quais, apresentaremos os resultados encontrados.

Em relação à primeira questão, isto é, a existência de diferenças na autonomia/envolvimento das crianças nas díades constituídas por mães ouvintes e crianças surdas, a análise estatística indica que existem diferenças significativas nas categorias A-c⁺ e (a)-C. Estes dados são congruentes com os estudos anteriores, uma vez que a significância nestas categorias, indica que de facto, no caso das díades das crianças surdas prevaleceu a dominância do adulto nas interacções, ainda que permitindo que as crianças tomassem alguma iniciativa (A-c⁺), enquanto que nas díades com crianças ouvintes, a maioria das interacções incidem na categoria que confere mais autonomia à criança, ou seja, categoria denominada como (a)-C.

De facto, Elbers et al (1992) referem alguns estudos que indicam que no decorrer de interacções diádicas mãe-criança surda com o objectivo de resolver uma tarefa, é menos provável que seja a criança a tomar a iniciativa, ficando mais ao cargo do adulto a sua orientação, e a criança coopera com este, respondendo às suas directivas.

O estudo dirigido por Wedell-Monning e Lumley (1980) conclui que as mães ouvintes são sempre mais dominantes nas suas interacções com as suas crianças surdas. Uma das explicações pode advir do facto destas quererem compensar o handicap da criança, não lhes dando espaço para que elas demonstrem as suas dificuldades na elaboração da tarefa. Os autores referem que as mães de crianças surdas apresentam comportamentos mais inflexíveis, são mais controladoras, intrusivas e reprovadoras. Também Bailey (2000) num estudo que pretendeu examinar as interacções de mães ouvintes com crianças surdas durante a idade pré-escolar e na adolescência, menciona que essas mães são mais controladoras quando comparadas com mães surdas de crianças surdas.

Brito (1998), menciona um estudo levado a cabo por Jamieson (1994) que pretendia verificar qual o processo pelo qual as mães se comunicavam com as suas crianças ouvintes e surdas, em idade pré-escolar, durante uma tarefa de resolução de problemas e verificou-se que enquanto as mães ouvintes de crianças ouvintes e as

mães surdas de crianças surdas dirigem o foco da sua atenção para o processo interactivo, as mães ouvintes de crianças surdas dirigem a sua atenção para o resultado da interacção, dando assim algum espaço de iniciativa à criança, mas acabando por controlar a acção, já que a sua intenção era a da conclusão do puzzle.

O estudo levado a cabo por Ferreira (2003), em relação à mesma hipótese obteve um resultado diferente, já que a significância encontrada residiu apenas ao nível da categoria a-C/A-c, que descreve a realização da criança da tarefa autonomamente, controlando a acção, mas onde o adulto se mantém atento, intervindo ocasionalmente devido a um erro cometido pela criança, não indo assim ao encontro tão evidente da literatura, uma vez que este comportamento trata mais de uma situação de transição entre a tomada de iniciativa do adulto e a tomada de iniciativa da criança, do que a confirmação do controlo de uma das partes da díade.

Quanto à segunda questão, isto é, a existência de diferenças relativamente à comunicação referencial utilizada pelas mães nas díades constituídas por crianças surdas, esperando-se que, neste caso se verificasse um aumento da componente não verbal, a análise estatística também confirma a nossa expectativa. Os dados apresentam uma tendência para a significância na categoria dos Sinais Indexicais Não Verbais (SINV), ou seja, os comportamentos físicos e/ou visuais (ex.: apontar e dar) e uma significância dada à categoria em que o adulto utiliza Sinais Indexicais Verbais conjugados com Sinais Indexicais Não Verbais (SIV+SINV), o que indica que as mães ouvintes de crianças surdas recorrem a referências menos complexas e mais eficazes em termos de atenção conjunta, em detrimento de referências mais informativas e gerais. Esta última categoria refere que para além do comportamento gestual a mãe também inclui alguma informação verbal, no entanto essa informação é mínima, referindo-se apenas ao uso de pronomes demonstrativos como: “este” ou “aquele”.

De facto, Gale (2004) no seu estudo refere que de facto, díades constituídas por crianças surdas com mães ouvintes, produzem significativamente uma menor diversificação de palavras durante as suas interacções em que estabelecem a atenção

conjunta, quando comparadas com as díades mãe ouvinte/criança ouvinte, remetendo assim à necessidade de tornarem menos complexa a sua comunicação e tutela.

Já o estudo de Ferreira (2003), em relação à mesma hipótese, não se encontrou dados estatisticamente significativos entre as díades, sendo que em termos globais se verifica que a maioria dos resultados das díades constituídas por mãe-criança surda se situava na categoria das Expressões Informativas de Contexto (EIC), o que é precisamente o oposto do que foi encontrado no presente estudo, uma vez que as EIC são maioritariamente utilizadas pelas mães de crianças ouvintes. No entanto, os resultados de Ferreira (2003) poderão dever-se ao nível sócio-económico da sua amostra, pois os pais provinham de níveis sociais mais elevados, estando assim mais elucidados sobre a problemática da surdez das suas crianças e por isso mais sensíveis à estimulação adequada dos seus filhos.

Wedell-Monning e Lumley (1980), ao compararem o estilo de comunicação entre díades constituídas por mães ouvintes com crianças surdas e díades de mães ouvintes com crianças surdas, verificaram que díades ouvintes usam primariamente meios de comunicação verbal, enquanto que as díades com *handicap* de surdez utilizam meios visuais, verbalizações conjugados com visuais e/ou estratégias físicas.

Brito (1998), refere que no que diz respeito às condutas comunicativas dos progenitores de crianças surdas, sabe-se que eles tendem a ser menos igualitários e espontâneos e mais reguladores e controladores, do que os pais de crianças ouvintes. Os pais tendem a tomar a iniciativa nas interacções e a fazer uso de funções comunicativas que possibilitem poucas alternativas às crianças, um exemplo deste tipo de controlo é precisamente a colocação do objecto ao qual eles vão fazer referência diante dos olhos da criança. A autora refere ainda alguns estudos que são congruentes com esta ideia, e que relatam que nas suas comunicações linguísticas dirigidas às crianças surdas, as mães ouvintes utilizam mais comportamentos directivos.

Fidalgo (1991), alude para a importância de considerarmos a variável “nível de escolaridade”, uma vez que referindo os estudos de Werstsch, Minick e Arns (1984) sublinha que esta variável é de extrema importância, no que diz respeito à interacção de tutela mãe-criança, já que a literatura indica que as mães que apenas frequentaram o ensino obrigatório e cuja formação profissional não passou pelo ensino formal, terão experiências de aprendizagem em que as tarefas devem ser cumpridas com o mínimo de erros, dado que o “motivo” que determina a estrutura a sua actividade social é orientada para o completamento da tarefa e não para o processo de resolução. No entanto, esta variável foi controlada, uma vez que ambos os grupos têm níveis de escolaridade semelhantes, ainda que o seu limite seja inferior, ou seja, exceptuando o caso de uma mãe licenciada, todas as outras mães apresentam apenas a escolaridade obrigatória. Podemos olhar para os dados obtidos, como ilustrativos dessa teoria, já que ainda que sugiram uma diferença entre os grupos face à componente comunicativa (ou seja, as díades constituídas por crianças surdas recorrem mais a índices visuais/físicos conjugados com referências mínimas verbais), ainda assim em ambas as díades não houve grandes conjugações de referências comunicativas, sendo que as frases construídas eram simples e directas.

Segundo Fidalgo (1991), as diferenças verificadas na comunicação/interacção entre a mãe e a criança, terão como consequência diferenças ao nível do funcionamento interno da criança, ou seja, no processo de internalização, que irá traduzir-se pelo nível de responsabilidade/participação da criança na resolução da tarefa. A resolução do comportamento da criança tenderá a ser tanto mais indirecto, até chegar a ser mesmo desnecessário, quanto o nível de intersubjectividade criado entre a mãe e a criança for mais elevado, quanto maior for a partilha do significado da situação, dos procedimentos e operações necessárias para a resolução da tarefa.

No presente estudo, o uso de expressões cuja função é mais instrumental do que informativa foram as mais utilizadas, pelas díades de mães ouvintes/crianças surdas, o que, neste caso, não parece estar ligado com o aumento do nível de

intersubjectividade criada entre a díade, mas sim pelo pragmatismo que essas referências conferem à realização da tarefa, uma vez que, comparando com a análise comportamental dessas díades, encontrou-se de facto uma prevalência do controlo exercido pelo adulto na resolução das tarefas.

Um estudo de Clibbens, Powell e Atkinson (2002), procurou explorar a utilidade das estratégias observadas nos pais surdos para alcançar a atenção conjunta, quando analisou as interações estabelecidas com as díades de mães/crianças com síndrome de Down. Os resultados mostraram que as mães foram bem sucedidas em termos de providenciar às crianças sinais de chamada de atenção e referências de contexto na maioria do tempo, mas que essas estratégias usadas eram muito limitadas quando comparadas com os pais surdos de crianças surdas.

Posto estes resultados, poderemos lançar as seguintes questões: Será que se as mães ouvintes de crianças surdas dominassem a Língua Gestual, estas diferenças se mantinham, em particular no que se refere às Expressões Comuns e Contextuais, que veiculam informação mais conceptual? Será que esse facto alteraria a participação dos elementos da díade na resolução da tarefa de forma significativa?

Em relação à terceira e última questão, isto é, a existência de uma associação positiva entre as dificuldades de comunicação percebidas pelas mães ouvintes de crianças surdas e a participação destas na tarefa, a análise estatística confirma a nossa hipótese, já que o valor da correlação evidencia que quando maior a percepção de dificuldades de comunicação, maior será a influência do adulto na resolução da tarefa. No entanto, estes resultados têm apenas um valor indicativo, dada o reduzido número de participantes, carecendo de confirmação em estudos futuros.

Neste sentido, estudos conduzidos por Spencer (Batista, 1999), que analisavam modelos de comunicação entre crianças surdas e as suas mães ouvintes, indicam que as mães tendiam a ser tão responsivas no uso da linguagem formal aos 18 meses, quanto as mães ouvintes, sendo que algumas crianças evidenciavam

mesmo níveis de competência iguais a algumas crianças ouvintes, ou porque tinham sido aparelhadas precocemente (prótese auditiva) ou porque os pais comunicavam gestualmente.

Wedell-Monnig e Lumley (1980) referem que quando as crianças surdas se dividem em dois grupos, de acordo com o nível de competência comunicativa (sendo esta percepção sentida ao nível da criança e da sua mãe), verifica-se que os comportamentos das mães que se assumem ter um bom nível de comunicação são bastantes similares aos grupos constituídos por díades constituídas por mães com crianças ouvintes. O presente estudo não comparou estatisticamente, o desempenho das mães de crianças surdas que se percebem como tendo boas capacidades de comunicação com as mães de crianças ouvintes, no entanto, do ponto de vista qualitativo, as distribuições são bastante homogéneas entre as duas díades.

Assim, poderemos dizer que, os dados, embora não tenham sido objecto de dupla codificação o que aumentaria a sua importância, para futuras replicações, confirmam a existência de diferenças na interacção entre mães ouvintes com filhos surdos ao nível da participação das crianças em resolução conjunta de problemas, comparativamente com interacções entre díades ouvintes, dando assim uma resposta positiva ao problema postulado neste estudo... O que significa que o essencial não é, de facto inaudível, ou seja, a comunicação é essencial para o estabelecimento de uma interacção prazerosa e que proporcione um bom desenvolvimento da criança e que ajude a estabelecer uma boa relação vinculativa entre mãe-criança.

Como alude Brito (1998), a surdez tem sido descrita como um obstáculo social que isola a criança da sua família e da sociedade, devido às dificuldades de comunicação por elas apresentada. No entanto, e de acordo com MacKay-Soroka (1988), a capacidade da criança em receber mensagens é influenciada não só pelas suas habilidades receptivas, mas também pela habilidade materna em expressar as mensagens. Assim, a escolha do tipo de comunicação utilizada no relacionamento

mãe-criança é importante, uma vez que essa exercerá influência no empobrecimento ou enriquecimento da comunicação da criança com os familiares, não só na idade pré-escolar, mas ao longo de todo o seu desenvolvimento.

Tasker (2006), refere que se por um lado a surdez por si só não causa uma disfunção socioemocional e comportamental, pode influenciar socioemocionalmente a criança de forma profunda e complexa. Em termos globais, o estudo indica que um deliberado modelo de expressão linguística usado pela mãe, em vez do uso de uma expressão aleatória ou intuitiva, sugere ser um factor importante no processo de acomodação da atenção conjunta na díade mãe ouvinte/criança surda, crucial no desenvolvimento socioemocional.

Batista (1999), refere alguns estudos realizados por Greenberg, Marvin, Meadow e Erting, mais aprofundados sobre as interacções da criança ao nível do Jardim de Infância com a mãe e concluíram que há um melhor desempenho a nível comunicacional entre a mãe ouvinte e a criança surda, quando as crianças surdas comunicam com as suas mães não só através de palavras, mas também de gestos, em detrimento de situações em que as crianças comunicam com as suas mães apenas através de métodos oralistas.

O método usado na comunicação com as crianças surdas, pode afectar o seu estado do desenvolvimento mental/cognitivo. Moeller (2003), refere que o acesso restrito das crianças surdas às conversações sobre estádios mentais contribui para o seu atraso. Este factor é muitas vezes resultante da surdez da criança e das capacidades limitadas dos pais ouvintes em termos comunicacionais adequados.

Importa que tenhamos presente, que, tal como refere Marschark (1993), no que diz respeito às crianças surdas é muito importante o reconhecimento de que elas são, por vezes, diferentes, e por isso mesmo semelhantes a crianças ouvintes. Este reconhecimento representa um passo importante para os pais e para as suas relações. A consistência, flexibilidade, paciência e comunicação são factores importantes em qualquer relação parental, importa é que os pais de crianças surdas

compreendam que os seus filhos requerem mais do que cada uma das características mas que a qualidade deverá ser a mesma. Ensinar os pais a reconhecer as capacidades comunicativas das crianças, e ajudá-los a apreenderem as suas técnicas, compreendendo assim o Mundo em que as crianças surdas se inserem, é ajudá-los a criar e a fortalecer vínculos positivos e a perceberem os seus filhos como seres tão capazes quanto qualquer criança normo-ouvinte. Um trabalho de intervenção precoce com este tipo de famílias tornar-se-ia assim preventivo de futuros comportamentos disruptivos, que algumas crianças surdas chegam a apresentar mais tarde, por não se sentirem contidas, compreendidas e “funcionais”, aumentando desta forma a sua auto-estima no que concerne às suas competências globais.

Por tudo isto, seria com certeza interessante compreendermos até que ponto o facto das mães ouvintes aprenderem Língua Gestual influencia realmente a qualidade de interacção que é estabelecida com a criança, nomeadamente ao nível da comunicação referencial e conceptual. Assim, num estudo futuro poder-se-ia comparar as interacções entre díades mãe-criança surda, em que a mãe ouvinte tem bons conhecimentos de Língua Gestual e as díades mãe-criança surda, em que a mãe ouvinte não tem conhecimento de Língua Gestual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bailey, C. (2000, February). Maternal control reframed: A longitudinal study of hearing mother-deaf child interaction from a Vygotskian perspective. Retrieved November 23, 2008, from PsycINFO database.
- Baptista, M.C.A. (1999). *Interação e actividade simbólica na criança surda. Padrões interactivos com adultos surdos e ouvintes*. Dissertação de mestrado apresentado à Faculdade de Motricidade Humana Lisboa
- Brinich, P. (2002). *Childhood deafness and maternal control* – Abstract. USA: Center on Deafness, University of California, San Francisco.
- Brito, A. (1998). *Crianças Surdas e suas famílias: um panorama geral* – Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia.
- Costa, A.V. (2000). *Atitudes dos pais de adolescentes surdos face à integração socio-afectiva dos seus filhos (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica)*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada
- Calderon, R. e Greenberg, M. (1997), The Effectiveness of Early Intervention for Deaf Children and Children with Hearing Loss, in Guralnick, M. (Ed.) *The effectiveness of early Intervention*. (pp. 455-482). Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Clibbens, J., Powell, G., & Atkinson, E. (2002, July). Strategies for achieving joint attention when signing to children with Down's syndrome. *International Journal of Language & Communication Disorders*, 37(3), 309-323. Retrieved November 23, 2008, doi:10.1080/13682820210136287

Elbers, E., Maier, R., Hoekstra, T., e Hoogsteder, M. (1992). Internalization and adult-child interaction. *Learning and Instruction*, vol 2, n. 2, 101-118.

Ferreira, V. M. T. D. (2003). *Interação Pai-Criança e Mãe-Criança com Crianças Surdas e Ouvintes* – Monografia de licenciatura. Lisboa: ISPA.

Fidalgo, Z. (1991). A interação de tutela mãe-criança: Processos interindividuais e intraindividuais, in *Análise Psicológica*, 9 (3/4), 445-451.

Fidalgo, Z. (2000). *L'interaction de guidage mère-infant dans des dyades issues de différents milieux socio-culturelles*. Tese de doutoramento em Psicologia, Université Aix-Marseille I.

Gale, E. (2004). Initiation, joint attention, and language in mother-child interaction with toddlers who are deaf. Retrieved November 23, 2008, from PsycINFO database.

Henggeler, S. W., Watson, S. M. (1984). Verbal and nonverbal maternal controls in hearing mother-deaf child interaction – Abstract, in *Journal of Applied Developmental Psychology*, vol 5, 4, 319-329.

Howard, J. (1978). The influence of children's developmental dysfunctions on marital quality and family interaction. In *Child influences on marital and family interaction: A lifespan perspective*, Ed. R. M. Lerner and G.B. Spanier, 275-298. New York: Academic Press

Lederberg, A. M., e Prezbindowski, A. K. (2000). Impact of child deafness on mother-toddler interaction: strengths and weaknesses. In Spencer, P., Erting, C. e

Marschark, M. (Eds.), *The deaf child in the family and at school* (pp. 73-92).

Mahwah: Lawrence Erlbaum.

Leighi, S.A. (1999), Parent Bonding in Clinically Depressed Deaf and Hard-of-Hearing Adults. *J. Deaf Stud* 4:28-35

Koester, L. e Meadow-Orlans, K. (1990), Parenting a Deaf Child: Stress, Strength, and Support, in *Educational and Developmental Aspects of Deafness*, Cap. 12, (pp. 299-320). Washington: Gallaudet University Press

Kurtzer-White, E. e Lutterman, D. (2002). Families and Children With Hearing Loss: Grief and Coping in *Mental Retardation and Developmental Disabilities, Research Reviews* (9), (pp. 232-235). Rhode Island: John Wiley e Sons Inc.

MacKay-Soroka, S., Trehub, S. E., e Thorpe, L. A. (1988). Reception of mother's referential messages by deaf and hearing children. *Developmental Psychology*, 24 (2), 277-285.

Maroco, J. (2003). *Análise estatística – Com Utilização do SPSS (2.ª Ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.

McCarthy, E. M. (1999). Deaf children and their deaf and hearing parents: communication, task success and private speech during problem solving interactions. Dissertação de doutoramento – Abstract. Disponível em: <http://www.psycinfo.com>

- Meadow-Orlans, K. (1990), The Impact of Childhood Hearing Loss on Family in *Educational and Developmental Aspects of Deafness*, Cap. 13, (pp. 321-338). Washington: Gallaudet University Press
- Moeller, M. (2003, January). Mothers' mental state input and theory of mind understanding in deaf and hearing children. Retrieved November 23, 2008, from PsycINFO database.
- Mohay, H. (2000). Language in Sight: Mothers Strategies for Making Language Visually Accessible to Deaf Children, in Spencer, P., Erting C., e Marschark, M., (Eds.) *The Deaf Child in the Family and at School*. (pp.151-163). Mahwah: Lawrence Erlbaum.
- Mohay, H., Milton, L., Hindmarsh, G. e Ganley, K. (1998). Deaf Mothers as Communication Models for Hearing Families with Deaf Children, in *Issues Unresolved*, (pp. 76-87). Washington: Gallaudet University Press.
- Raven, J. C., Court, J. H. e Raven, J. (2001). *Raven – Matrices Progressivas, Manual* (3.^a Ed.). Madrid: Publicaciones de Psicología Aplicada.
- Rebelo, A. (2002), Comunicação e locus social da criança surda, in *Análise Psicológica*, 3 (XX), 379-388. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Rodrigues, A. F. e Pires, A. (2002), Surdez infantil e comportamento parental, in *Análise Psicológica*, 3 (XX), 389-400. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Wedell-Monning e Lumley (1980), Child Deafness and Mother-Child Interaction, in
Child Development 51, 766-776. Society for Research in Child Development.

Wertsch, J. (1985), Extending Vygotsky's Semiotic Analysis: Propositional and
Discourse Referentiality. In *Vygotsky and The Social Formation of Mind*
(Chap.5, 129-157) Harvard University Press.

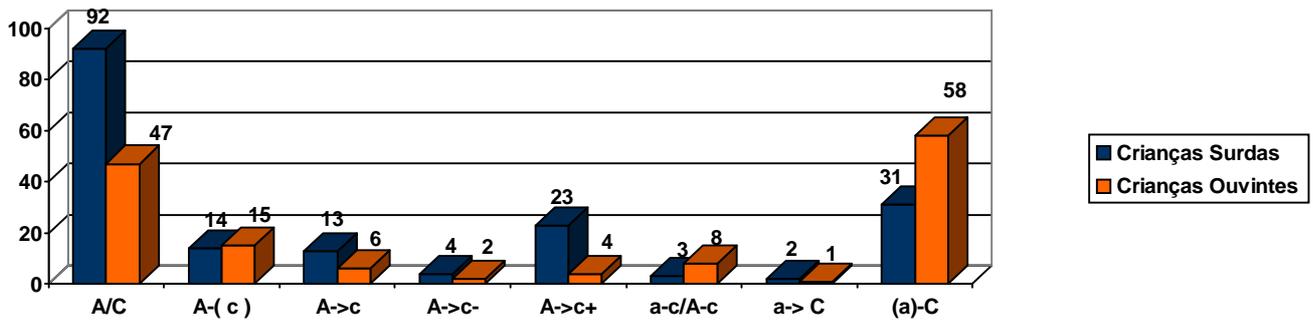
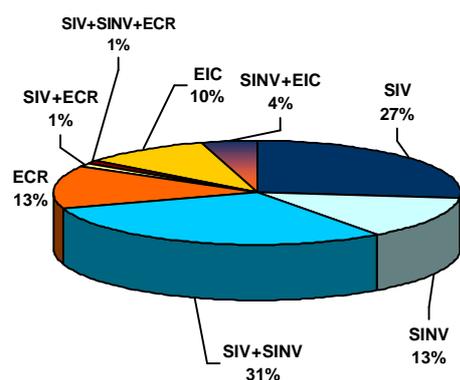
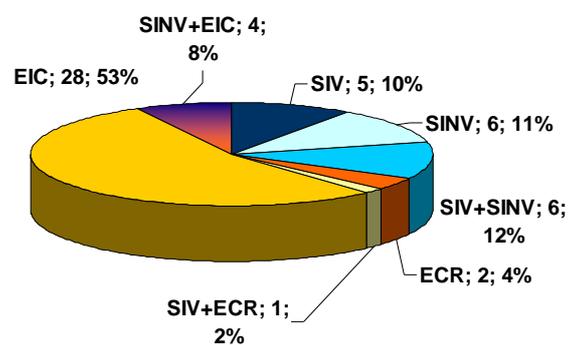
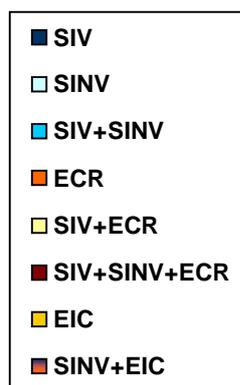


Gráfico 1: Ocorrências em cada categoria das interações das díades mãe/criança surda e mãe/criança ouvinte, relativas ao total dos 3 puzzles.



Crianças Surdas



Crianças Ouvintes

Gráfico 2: Percentagens das ocorrências das expressões referenciais das díades mãe/criança surda e mãe/criança ouvinte, relativas ao somatório dos 3 puzzles.

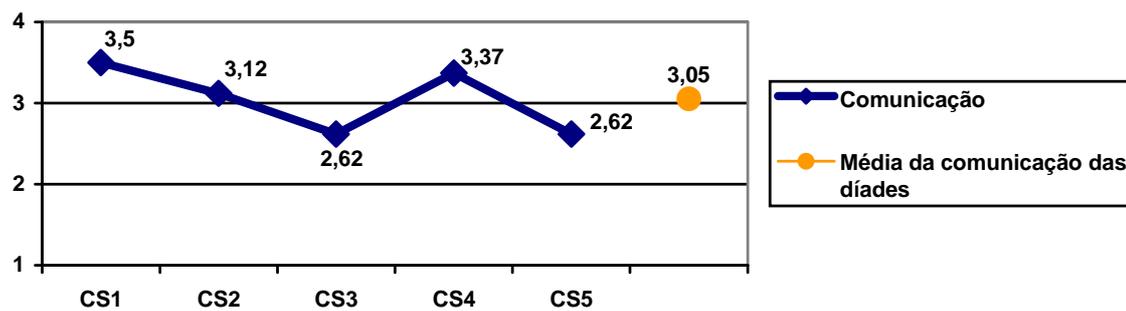


Gráfico 3: Percepção das mães ouvintes do seu grau de comunicação com os seus filhos portadores de deficiência auditiva.

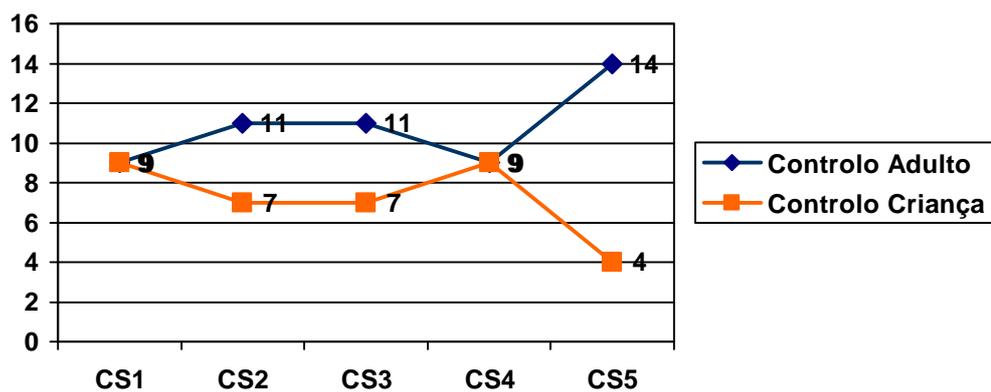


Gráfico 4: Díades de mães ouvintes com crianças surdas - Grau de envolvimento das crianças na elaboração dos puzzles, tendo em consideração as categorias predominantes (controlo do adulto vs controlo da criança).

Anexo 1

Puzzle 1 – As casas



Anexo 2

Puzzle 2 – O peixinho



Anexo 3

Puzzle 3 – A tartaruga



Anexo 4

Tabela 1: Comparação Entre As Díades Mãe Ouvinte-Criança Surda E Mãe Ouvinte-Criança Surda, Referente À Análise Comportamental No Total Dos Puzzles

		Test Statistics ^c							
		A/C	A-(c)	A->c	A->c-	A->c+	a-C/A-c	a->C	(a)-C
Mann-Whitney U		9.000	12.500	7.500	7.500	.000	6.000	12.000	1.500
Wilcoxon W		24.000	27.500	22.500	22.500	15.000	21.000	27.000	16.500
Z		-.736	.000	-1.085	-1.225	-2.785	-1.424	-.149	-2.371
Asymp. Sig. (2-tailed)		.462	1.000	.278	.221	.005	.154	.881	.018
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]		.548 ^a	1.000 ^a	.310 ^a	.310 ^a	.008 ^a	.222 ^a	1.000 ^a	.016 ^a
Monte Carlo Sig. (2-tailed)	Sig.	.526 ^b	1.000 ^b	.305 ^b	.531 ^b	.009 ^b	.274 ^b	1.000 ^b	.032 ^b
	99% Confidence Lower Bound	.513	1.000	.293	.518	.006	.262	1.000	.028
	Interval Upper Bound	.539	1.000	.317	.544	.011	.285	1.000	.037
Monte Carlo Sig. (1-tailed)	Sig.	.264 ^b	.508 ^b	.157 ^b	.264 ^b	.005 ^b	.142 ^b	.500 ^b	.016 ^b
	99% Confidence Lower Bound	.253	.495	.148	.253	.003	.133	.487	.013
	Interval Upper Bound	.276	.521	.166	.275	.006	.151	.513	.020

a. Not corrected for ties.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 957002199.

c. Grouping Variable: grupo

Anexo 5

**Tabela 2: Comparação entre as díades mãe-criança surda e mãe-criança surda,
referente à análise referencial no total dos puzzles**

Test Statistics [§]												
	SIV	SINV	SIV+SINV	ECR	SIV+ECR	SINV+ECR	SIV+SINV+ ECR	EIC	SIV+EIC	SINV+EIC	SIV+SINV+EIC	SIV+ECR+EIC
Mann-Whitney U	9.000	5.500	2.500	9.500	12.500	10.000	10.000	9.500	12.500	9.000	12.500	12.500
Wilcoxon W	24.000	20.500	17.500	24.500	27.500	25.000	25.000	24.500	27.500	24.000	27.500	27.500
Z	-.752	-1.504	-2.108	-.775	.000	-1.000	-1.000	-.638	.000	-.827	.000	.000
Asymp. Sig. (2-tailed)	.452	.133	.035	.439	1.000	.317	.317	.523	1.000	.408	1.000	1.000
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	.548 ^a	.151 ^a	.032 ^a	.548 ^a	1.000 ^a	.690 ^a	.690 ^a	.548 ^a	1.000 ^a	.548 ^a	1.000 ^a	1.000 ^a
Monte Carlo Sig. (2-tailed)	.539 ^b	.145 ^b	.039 ^b	.719 ^b	1.000 ^b	1.000 ^b	1.000 ^b	.613 ^b		.536 ^b		
99% Confidence Interval												
Lower Bound	.526	.135	.034	.707	1.000	1.000	1.000	.601		.523		
Upper Bound	.552	.154	.044	.730	1.000	1.000	1.000	.626		.549		
Monte Carlo Sig. (1-tailed)	.266 ^b	.073 ^b	.018 ^b	.355 ^b	.772 ^b	.491 ^b	.491 ^b	.313 ^b		.269 ^b		
99% Confidence Interval												
Lower Bound	.255	.066	.015	.343	.761	.478	.478	.301		.257		
Upper Bound	.278	.079	.022	.368	.783	.504	.504	.325		.280		
Exact Sig. (2-tailed)									1.000 ^c		1.000 ^c	1.000 ^c
Exact Sig. (1-tailed)									1.000 ^c		1.000 ^c	1.000 ^c
Point Probability									1.000 ^c		1.000 ^c	1.000 ^c

a. Not corrected for ties.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 1993510611.

c. Exact results are provided instead of Monte Carlo for this test.

d. Grouping Variable: grupo

Anexo 6

Tabela 3: Correlação entre nível de comunicação e controlo da interação, respeitante às díades mãe-criança surda, para o total de todos os puzzles

Correlations

			Nível de comunicação	Controlo do adulto	Controlo da criança
Spearman's rho	Nível de comunicação	Correlation Coefficient	1.000	-.892*	.892*
		Sig. (2-tailed)	.	.042	.042
		N	5	5	5
	Controlo do adulto	Correlation Coefficient	-.892*	1.000	-1.000**
		Sig. (2-tailed)	.042	.	.000
		N	5	5	5
	Controlo da criança	Correlation Coefficient	.892*	-1.000**	1.000
		Sig. (2-tailed)	.042	.000	.
		N	5	5	5

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).